

[SEGUROS I]

Intempéries no balanço

As preocupações com as mudanças climáticas e com catástrofes naturais atingiram o mercado de seguros, que somente nos seis primeiros meses de 2011 cobriu US\$ 60 bilhões em perdas, marca que supera as indenizações em todos os anos anteriores. Outro fato preocupante para as empresas do setor é que ainda faltam seis meses para o final do ano e a temporada de furacões na América do Norte ainda não terminou. Pior: está prevista para ser acima da média em quantidade e intensidade.

Em fórum realizado em São Paulo, em julho, o diretor de grandes riscos da Allianz Seguros, Angelo Colombo, advertiu que a atual precificação dos seguros para catástrofes não é mais suficiente para pagar perdas com desastres naturais.

Instituições internacionais têm feito estudos para quantificar possíveis custos para a indústria de seguros. A Air Worldwide, provedor de *software* de riscos de catástrofes, estima, por exemplo, que, se um furacão de grande proporção atingir a região sul de Nova Jersey e seguir em direção a Nova York, os ressarcimentos somariam até R\$ 110 bilhões.

Os desastres naturais do primeiro semestre arrasaram as expectativas das companhias para este ano. Elas já trabalham com a certeza de que as margens de lucro serão corroídas por pagamento de sinistros devido aos desastres naturais.

As enchentes na Oceania, na Ásia e na Europa contribuíram para destruir a esperada margem de lucro das empresas de seguros neste ano, o que deve fazer os preços aumentar em 2012, para repor as perdas. Em 2011, tornados e ciclones, nos EUA, devem gerar indenizações de aproximadamente US\$ 15,5 bilhões, três vezes superior à média para todo o ano, nas últimas duas décadas.

– POR DAVI CARVALHO

[SEGUROS II]

OPORTUNIDADE DE NOVOS PRODUTOS

De modo a aumentar e recuperar a capacidade de indenizar perdas, o setor tem buscado usar os eventos naturais como estímulo para o desenvolvimento de novos produtos e mecanismos de compensação no mercado financeiro, como a emissão de títulos Catastrophe bonds (Cats), que tem o objetivo de compartilhar com o mercado as perdas com eventuais catástrofes.

A cada ano, a indústria de seguros oferece novas coberturas mais específicas para casos de perdas relacionadas a chuvas, enchentes, secas e deslizamentos. Nas áreas de agricultura, energia, mineração e varejo estão os públicos-alvo dos novos produtos, que cobrem, por exemplo, falta ou excesso de chuva nas plantações e nas operações ligadas à mineração, baixa produção de energia ou alimentos e queda nas vendas causada por catástrofes naturais. (DC)

[EFICIÊNCIA I]

“CRESCER CUIDANDO”?

A defesa do meio ambiente e a busca pelo crescimento econômico, geralmente, são apresentadas como duas temáticas antagonicas, mas o documento *O Uso Eficiente de Recursos na América Latina: Perspectivas e implicações econômicas*, do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Pnuma), divulgado em junho, trata os dois assuntos de forma não excludente, sob a abordagem “crescer cuidando”.

O estudo defende a ideia de que o uso mais eficiente dos recursos hídricos, de solo e de energia pode exercer um papel fundamental para garantir a continuidade do desenvolvimento produtivo com competitividade e, ao mesmo tempo, ser uma ferramenta poderosa para promover a redução da pobreza e das desigualdades em países da América Latina.

A defesa da eficiência baseia-se na opinião de que uma utilização mais competente – minimizando desperdícios

– dos recursos daria competitividade industrial aos países estudados (Argentina, Brasil, Chile, México, Paraguai e Uruguai) e aperfeiçoaria o perfil da especialização produtiva e do tipo de inserção internacional das nações.

O “desenvolvimento sustentável” defendido no trabalho requer do Estado um papel de liderança, articulação, fomento, regulamentação e controle. Apesar da presença mais forte do Estado, o documento afirma que as políticas públicas por si só não são suficientes e devem ser implementadas promovendo cooperação público-privada e acordos com diversos atores envolvidos.

Reportagem à página 24, sobre o chamado efeito ricochete, menciona justamente o risco de a mera busca por eficiência servir apenas para promover o crescimento econômico, estimulando aumento do consumo, uso de recursos naturais e emissões de carbono – o que colocaria em xeque seus benefícios ecológicos e não melhoraria a qualidade



JUSTIN HOBSON

do desenvolvimento. Assim, a eficiência e o combate ao desperdício devem ser vistos sob uma perspectiva integrada, com reflexão sobre a cultura de consumo e valores da sociedade. (DC)

[FORMAÇÃO]

ATIVISMO SE APRENDE EM AULA?

Para o ex-integrante do Greenpeace, Marcelo Marquesini, sim. Sua experiência o fez crer que faltava uma formação mais estruturada de ativistas no Brasil. Faltava. Pois acaba de ser lançado o curso Ativismo e Mobilização para a Sustentabilidade, com apoio de 13 organizações da sociedade civil.

O entendimento que a iniciativa tem sobre ativismo mostra o tamanho do desafio: “É mais que mero protesto organizado, é propor soluções, não se resignar diante de um problema. É promover uma ação continuada para a mudança social, ambiental ou política”.

No coração de toda essa história está a comunicação, que exige estratégia e técnica

elaboradas para conquistar, para além dos simpatizantes do movimento, aqueles que pensam diferente e são capazes de promover mudanças efetivas.

O curso consiste em jornada on-line de 3 semanas, imersão de 65 horas e 1 pós-imersão de 1 mês, na qual os participantes desenvolverão um projeto de campanha individual ou em grupo.

A etapa on-line trará conteúdos da sustentabilidade – da história do socioambientalismo até a relação entre economia, sociedade e natureza – e de ações coletivas e movimento social; e promoverá análises do ativismo atual e teoria de campanhas. Depois, é prática e mais prática. Entre os palestrantes, nomes como os de Marina Silva, Ricardo Abramovay, Tasso Azevedo, André Lima e Marcos Sorrentino, além do próprio Marquesini.

As inscrições em São Paulo estavam previstas para se encerrar em 9 de agosto, mas o curso deve se estender a Brasília e Manaus. Mais informações em ativismo.org.br – POR AMÁLIA SAFATLE

[EFICIÊNCIA II]

Meio tanque

Na mesma semana em que republicanos e democratas concordaram com a elevação do teto da dívida do Tesouro, o presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, já havia conseguido fechar outro acordo duríssimo. Todas as principais montadoras em atividade no país aceitaram quase dobrar o padrão de eficiência energética dos veículos motorizados até 2025.

A partir do ano que vem, as 13 empresas – que juntas respondem por 90% dos veículos vendidos nos EUA – começam uma evolução paulatina dos padrões até que seja alcançada a marca mínima de 54,5 milhas por galão de gasolina (pouco mais de 23 quilômetros por litro). A exigência atual é pelo desempenho de 27,8 milhas por galão.

A nova regulamentação deverá provocar uma queda dramática no consumo de petróleo naquele país: 12 bilhões de barris serão poupados. A partir de 2025, a previsão é de que os americanos estejam consumindo menos 2,2 milhões de barris por dia, segundo informações da Agência de Proteção Ambiental (EPA). Isso equivale a metade do que hoje é importado diariamente dos países da Opep.

“Esse acordo representa o maior passo que nós já demos como nação na direção de reduzir a dependência do petróleo estrangeiro”, disse Obama. Já com relação às emissões de gases de efeito estufa, o triunfo é mais nebuloso, uma vez que as famílias americanas deixarão de gastar US\$ 1,7 trilhão nos postos de gasolina e isso pode estimular a elevação do consumo de energia em outras frentes.

Sintomaticamente, o *press release* da EPA menciona a necessidade de outras medidas capazes de “mudar o jogo” do desempenho energético no transporte de passageiros, tais como incentivos ao desenvolvimento da tecnologia de células combustíveis.

– POR CAROLINA DERIVI

FALA, LEITOR

HISTÓRIAS E IDEIAS DE QUEM LÊ PÁGINA 22



A temática ambiental é recorrente no trabalho de Adolfo Borges, paulistano que vive em Cotia há seis anos, de onde idealiza vídeos e roteiros para histórias com pé e cabeça, recheadas de potente crítica e humor.

Seu *A Era de Plástico* busca ampliar o sentido da palavra “plástico”, para além do entendimento do material na lógica da sustentabilidade. No curta, Borges entrevista artistas na tentativa de trazer novas reflexões sobre o dejetivo-vilão.

“Sustentabilidade tem tudo a ver com valores ancestrais”, afirma o documentarista. Diante da constatação, ele fez *Passado, Semente e Futuro*, uma análise sobre as sementes que se perderam, levando embora muitas espécies diante do cenário monocromático-produtivo dos cultivos hoje em dia.

As pesquisas para os vídeos levaram Adolfo a cursos de agricultura orgânica e hortas escolares para educadores. Ele também se envolveu com o movimento Slow Food e trabalha com um grupo que debate a questão das sementes com o objetivo de estimular o conhecimento sobre o assunto e a distribuição das mesmas. “Organizamos uma feira em São Paulo e minha produtora, a Resgate Cultura, está fazendo a documentação dos produtores que utilizam esses tipos de sementes.”

Seu trabalho mais surpreendente talvez seja o vídeo *Chega de Fossa*, que conta o drama de um casal ao perceber que a fossa da casa contaminava o lago próximo, os questionamentos sobre assunto tão real quanto embaraçoso e as alternativas diante daquela situação.

Alguns vídeos de Adolfo podem ser vistos em seu canal no YouTube: [ADOLFOBORGES9](https://www.youtube.com/channel/UCADOLFOBORGES9)

Se você deseja participar desta seção, escreva para LEITOR@pagina22.com.br e conte um pouco sobre você e seus projetos. Para se comunicar com Adolfo Borges, escreva para adolfoborges9@yahoo.com.br e resgate@resgatecultura.com